

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO: MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: 13, QUAI VOLTAIRE

*Destinar todas as pedidas de assignaturas e numerar
avulso: em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Alameda, LISBOA; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE
MELLO, 34, rua da Quitanda Rio de Janeiro.
Preço do numero à Paris, 1 franc.*

6.^o ANNO. — VOLUME VI. — N.^o 11

PARIS 5 DE JUNHO DE 1889

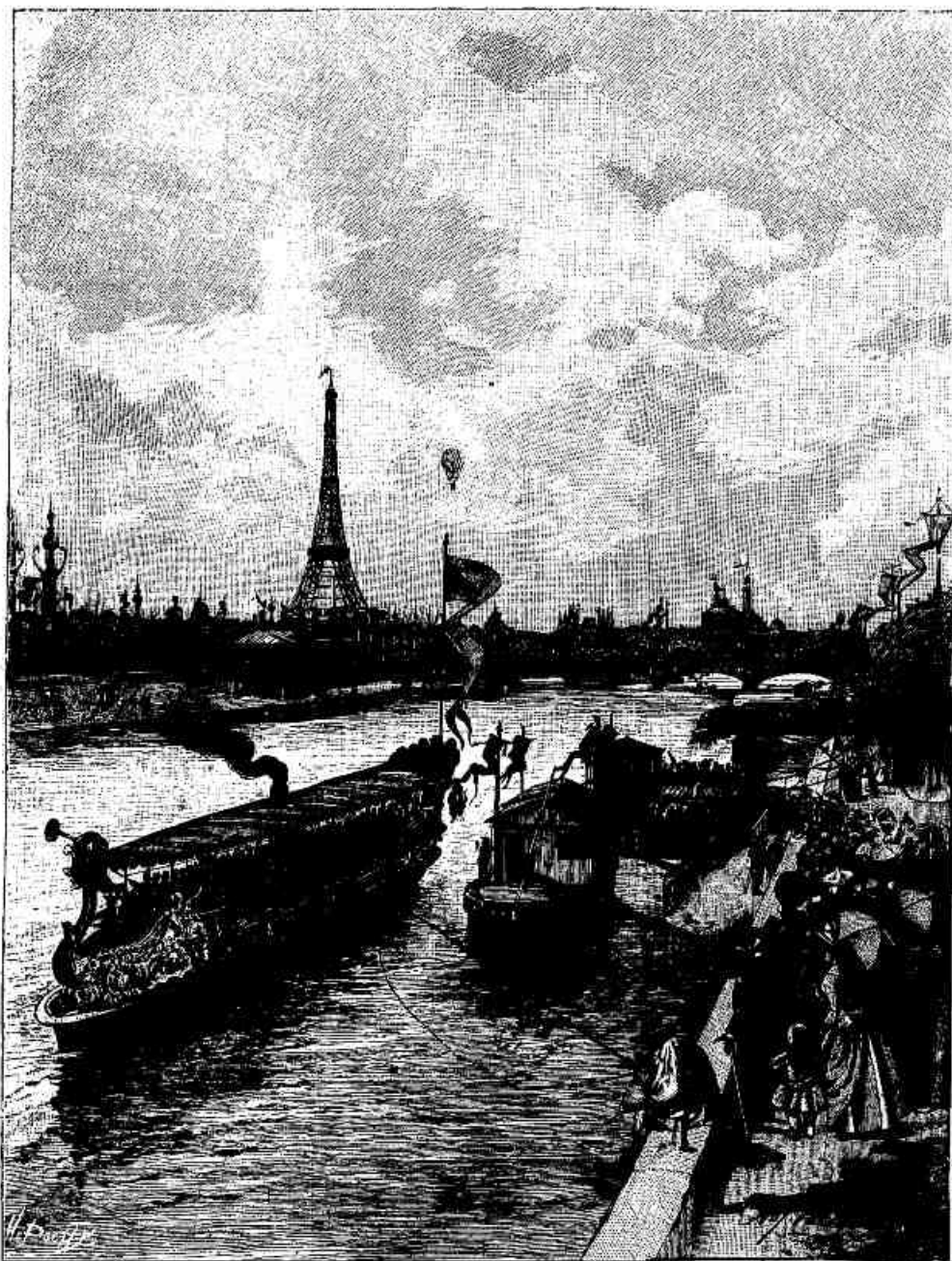
Gerente em Portugal e Brazil: DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 35, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS:

ANNO (CARTÃO)	13.000 REIS.
SEMESTRE (CARTÃO)	6.000 —
ANNO (PROVINCIAL)	14.000 —
AVULSO	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS PROXIMIDADES DO CAMPO DE MARTE.



CHRONICA

EDUARDO COELHO

DA IMPRENSA portugueza acaba de desaparecer uma das mais curiosas figuras, e das mais dignas d'um largo estudo, por constituir um documento typico da nossa sociedade, e especialmente da nossa geração.

N'um paiz onde, nem o jornal, nem o livro, ainda puderam dar a independencia a um só homem, — Eduardo Coelho chega, e pelo seu trabalho, pela sua perseverança, e por uma philosophia natural, mysteriosa e intima, que se não aprende nos livros do Padre Antonio Vieira, nem tão pouco de Schopenhauer, philosophia que nasceu e morreu com o individuo, e que lhe deu todos os meios de conhecer o publico que tinha de servir e com quem tinha de lidar... Eduardo Coelho chega, e funda em plena Lisboa uma empresa jornalística, tão florescente como as que ha em Paris e Londres. E adquire por meio do jornal a 10 reis uma tal fortuna, que essa coisa desacreditadissima — o *jornal*... — expediente de aventureiros ou de politicos (que tudo vem a dar na mesma: nas suas mãos passa a ser aos olhos do burguez um negocio tão sério, como os negocios que se realisam dia a dia na rua dos Capellistas ou na rua dos Bacalhoeiros!...

Como é que Eduardo Coelho, que no começo do seu jornal nem tinha sequer o prestigio d'um nome litterario que o impozeresse ao publico, — soube assim conquistar a multidão lisboense, e fazer com que o *Diario* se tornasse indispensavel por toda a parte...

A resposta é embarrassada e difficil; e parece-me que todos quantos conheceram de perto Eduardo Coelho, e conhecem o actual meio lisboeta, devem procurar explicar uma parte do problema com toda a imparcialidade. Só assim se poderá fazer o elogio do fundador do *Diario de Noticias*; — e só assim se poderá fazer uma ideia exacta do que é Lisboa e a imprensa portugueza...

A primeira causa do successo do *Diario* quer-me parecer que é devida ao facto rarissimo em Portugal, do seu reductor e fundador não pertencer, nem nunca ter pertencido, a nenhum grupo politico. E assim como a origem da fortuna do *Diario* provem da sua independencia; assim a causa de tanto jornal no nosso paiz arrastar uma existencia pelitrona e pobretona, provem justamente da necessidade em que se acham os jornaes de somente dizerem o que o seu *partido* quer que se diga...

Os redactores dos jornaes politicos não querem crerem semelhante facto, e attribuem a falta de compradores a falta de publico illustrado. É um perfeito erro...

O publico não compra os jornaes politicos, isto é, os jornaes de *partido*, a não ser n'um momento de escandalo, para ver até onde chega o excesso de linguagem e a falta de compostura d'aquelles que tem a pretensão de occupar as mais elevadas posições sociaes... Nos periodos normaes, os jornaes politicos não se vendem, porque o publico não compra um jornal que sabe de ante-mão que não é sincero em nenhuma das suas apreciações. Elogio ou censura, tudo se faz na imprensa politica com um exaggero imperdoavel; e o publico que a final tem tanto espirito como o sr. de Voltaire, o publico rasga enojado o jornal que assim lhe mente!

Que lhe importa que F... seja um brilhante *stylista*, que X... seja um humorista notavel?... O essencial é saber se são sinceros, se o que dizem é a expressão exacta do que os seus con-

ciencias sentem... Não é pois vão para casa do diabo o brilhante *stylista*, e mais o humorista notavel!...

De modo que o *Diario de Noticias*, no nosso meio de gazetas desaforadas e mentirosas, apesar d'algumas d'ellas serem escriptas com muito talento, — foi creando a sua reputação de *jornal incolor*, afastado da politica partidaria, procurando apenas informar conscienciosamente, e ser — como lá se diz — o espelho da Verdade.

O publico aproximou-se, mordeu, saboreou — e ficou preso. Nas columnas d'aquelle *Diario* nunca se chamou *ladrao* a nenhum ministro, nem *gafo* a nenhum deputado. O publico começou a chamar ao *Diario* — « um jornal sério. » A sua opinião começou a ter « um certo peso. » Nos seus artigos de fundo raro era o dia em que Eduardo Coelho não fallasse com veneração e respeito d'essas coisas vagas, mas que soam tão bem ao ouvido das multidões, como são a Justiça, a Liberdade, a Civilisação, a Humanidade, o Progresso. A sua prosa tinha reflexos democraticos, d'uma democracia modesta e respeitosa que agradava ao publico, sem offender ou desgostar o Monarcha — antes pelo contrario!... Na mesma columna em que dizia a cór dos paramentos da egreja no dia de cada Santo, e em que annunciava a que horas estava o Senhor exposto no convento das Salesias, e a que horas havia novena na Conceição Velha, — Eduardo Coelho fallava com veneração de Eliseu Reclus, ou de qualquer outro demolidor famoso.

E foi assim, sem nunca ninguém saber positivamente o que o *Diario* applaudiria com mais entusiasmo, se um governo cesarista, se um governo clerical, se um governo republicano, se um governo comunista; sem nunca ninguém saber se era *regenerador*, ou se era *progressista*, ou se era *republicano*; sem nunca ninguém saber se preferia a religião catholica-apostolica-romana, ou o buddhismo, ou o atheismo; — foi assim que o *Diario* chegou entre nós ao grau de prosperidade em que hoje o vemos.

Esta prosperidade tem-lhe valido muita inveja lisboeta. Não admira. Quando em Lisboa muito mancebo se revolta com a injustiça da sorte que faz d'um *bachelar* com padrinhos um *amannuense* do Terreiro do Paço, — o que será a inveja contra um jornal pelo qual já houve quem offerecesse 500 contos de reis?...

Em Eduardo Coelho havia tambem um *optimista*, que era quasi uma continuação do doutor Pangloss de Voltaire, — aparte a diferença das epochas, e « exaggero de certos detalhes que o autor de *Candide* traçou como se fora um caricaturista.

Nos seus artigos sentia-se que elle considerava este mundo como o *meilleur des mondes possibles*; e dir-se-ia que em toda a sua vida só havia encontrado as almas mais bem formadas, os corações mais ternos, e os homens mais perfectos, attendendo a que durante vinte e cinco annos nunca o *Diario de Noticias* escreveu o nome d'um individuo, por mais illustre ou obscuro que elle fosse, sem lhe chamar previamente — « nosso amigo. »

E não só todos os moradores de Lisboa, e muitos de Portugal, ilhas e provincias ultramarinas eram « amigos » do *Diario de Noticias*, — mas até todos esses « amigos » eram por qualquer titulo, ou *illustres*, ou *notaveis*, ou *distinctos*.

Não estará tambem n'isto uma boa parte do successo do *Diario*?... Nunca teve um inimigo, porque nunca publicou uma critica, quanto mais uma censura. Nunca disse que uma coisa era má; nunca chamou a um imbecil um imbecil; a um mediocre um mediocre. Os bons como os maus poetas eram para elle todos *illustres*; os bons como os maus oradores eram todos *notaveis*; os bons como os maus prosadores eram todos *distinctos*.

Uma só vez o *Diario* disse mal, censurou e atacou, — mas isso trazia a marca de Ramalho Ortigão! Foi por occasião do centenário de Camões. A politica quiz perturbar a festa dos escriptores, dos artistas e do povo. A opinião publica — a verdadeira opinião publica! — n'um arranco de bello patriotismo desaprovou altamente a attitude do governo; era preciso lavar um protesto energico; e Eduardo Coelho soube n'esse momento pôr de parte o seu *optimismo*, as mil e uma conveniencias do *Diario*, as suas tradições e o seu programma, para Ramalho Ortigão escrever o que julgasse justo, contra a politica que queria falsear a ideia exclusivamente patriótica do centenário.

E este, quanto a mim, um dos traços mais bellos do caracter e do patriotismo do jornalista cuja morte nós todos sentimos profundamente...

Mas passada a trovoadas, o *Diario* de novo voltou ao seu viver pacato de todos os dias, contente de tudo e contente com todos, chamando a todos « nossos amigos », achando todos *distinctos*, ou *notaveis*, ou *illustres*, *amannuenses* ou poetas, artistas ou photographos, homens de estudo ou simples curiosos; e tudo isto com uma tal bonhomia, com uma tal simplicidade, que ninguém ousava revoltar-se quando o *Diario de Noticias* chamava ao sr. Carlos Pinto d'Almeida « o nosso notavel romancista » e a Camillo Castello Branco « o nosso distincto prosador!... »

E assim se fez o *Diario de Noticias* — pelo processo opposto ao *Figaro* de Beaumarchais. Enquanto este ri, com medo de ter de chorar dos homens e das coisas d'este mundo, — o *Diario* acha que tudo é excellente... E se ás vezes o escandalo é de tal ordem, que é impossivel deixar de o relatar, o *Diario* jamais censura: — o *Diario* apenas aconselha!...

Eis como o *Diario* se fez, graças ao fino *optimismo* de Eduardo Coelho, que foi « jornalista que melhor soube aproveitar da sua geração e da sua terra. Eduardo Coelho percebeu que um jornal em Lisboa, para se vender, precisa passar a mão pelo hombro a toda a gente. E dizer de cada fulano em particular: — « O nosso amigo José Joaquim, illustre continuo do ministerio do reino, apesar de nunca ter frequentado nenhuma academia de bellas-arts, acaba de executar uma notavel paizagem em cortiça, representando o nacer do sol em Almada, que é uma verdadeira obra-prima que faz muita honra ao nome portuguez. Aviso aos amadores. »

Com a morte de Eduardo Coelho perde a imprensa portugueza um dos raros jornalistas de profissão que essa imprensa possuia. Com a sua morte perdemos nós todos que o conhecemos de perto um excellentre camarada, sempre prompto a collaborar em tudo quanto concorresse para o bom nome do seu paiz, sempre prompto a abrir a sua bolsa em qualquer occasião em que fosse preciso um sacrificio monetario para bem da nossa classe.

Quanto não trabalhou e quanto não gastou, para que em 1880 se organisasse uma Associação dos jornalistas portuguezes?... Infelizmente que os sacrificios que então fez Eduardo Coelho de nada serviram para a nossa corporação, — attendendo a que os verdadeiros jornalistas tiveram de sahir, para dar lugar a onda immensa dos furrieis e outros *amannuenses* das lettras, com as asneiras dos quaes morreu a Associação, que podia hoje ser uma força e — quem sabe! — um elemento de acção na imprensa portugueza.

Sinto, como jornalista, que essa Associação já hoje não exista. Aliás pediria para que na sala das suas sessões se mandasse collocar o busto de Eduardo Coelho.

MARIANO PINA.



AS NOSSAS GRAVURAS

A ILUSTRAÇÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

CHAMAMOS a atenção dos nossos leitores para uma grande gravura que vamos publicar no próximo numero da ILUSTRAÇÃO, gravura que occupa quatro paginas do nosso jornal, e onde se vem representados todos os pavilhões que formam, na explanada dos Invalides, a

EXPOSIÇÃO DAS COLONIAS FRANCEZAS

Esta parte da Exposição de Paris é sem duvida uma das mais brilhantes e das mais monumentaes, pelo pittoresco e caracter das construções, e pelas riquezas ali amontoadas.

A nossa gravura representa em todos os seus detalhes, uma par uma, as mais curiosas construções, — e assim todo o publico que lê a ILUSTRAÇÃO fará uma intima ideia das maravilhas contidas na vasta explanada dos Invalides.

Apesar das enormes despesas que fazemos com este « cliché » — tão importante como o que publicamos ultimamente representando uma Vista geral da Exposição — não alteramos o preço dos nossos numeros, que continua sendo sempre o mesmo, tanto em Portugal, como no Brazil.

Parece-nos que pelo numero e pela qualidade das gravuras até hoje publicadas nas paginas da ILUSTRAÇÃO, podemos affirmar sem receio de sermos desmentidos, que a ILUSTRAÇÃO é o unico jornal que põe o publico portuguez e brasileiro ao corrente de tudo quanto se passa com a famosa

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

PANTHEISTA

Quando ressurge o sol na curva do oriente, irando de luz o revoltoso mar, e assisto ao violento e forte desmentar da grande Natureza apática e dormente,

uma grande alegria esta minhalma sente e preciso de rir, e preciso de amar, que a vida é para mim um campo florescente onde revive a flor e onde scintilla o luar.

E a Natureza assim, sahindo do torpor, do sono que lhe deu mais alma e mais vigor hilariante de luz, rubra d'alegria,

como que vem cantando, alegre e extasiada, as extraphes do Bem e os hymnos da Alvorada no indomito clarim fegil da Mocidade.

Coimbra.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — NAS PROXIMIDADES DO CAMPO DE MARTE.

ABRIMOS hoje a nossa pagina de gravuras com a vista das margens do Sena nas proximidades do Campo de Marte. É um trecho magnifico da grande vida parisiense no momento actual.

Porque em Paris não se falla nem se discute outra coisa que não seja a Exposição Universal, e tal movimento de curiosidade despertou no publico que toda a cidade com os seus milhares e milhares de visitantes tem desfilado pouco a pouco em direcção ao Campo de Marte, aproveitando-se de todos os meios de locomoção, carros, omnibus, tranvays, tapissières, vapores de quatro companhias diferentes que fazem a carreira no Sena, os comboios que partem de 10 em 10 minutos da gare de São Lazaro, enfim uma verdadeira peregrinação!

O Sena nos domingos apresenta um espectáculo delicioso, verdadeiramente encantador! Os novos vapores, dos Magasins du Louvre, todos dourados são os mais procurados e os que tem maior concurrencia. Na nossa gravura vê-se um d'estes vapores proximo da margem onde o espectador impaciente contempera de passageiros, sedentos d'ir gozar a vista das maravilhas da Exposição.

Emvalta do Campo de Marte a animação cresce de dia para dia. Na primeira semana a media diaria era de 40.000 entradas, mas agora já se elevou essa mesma media a respeitavel somma de 70.000. E isso sem contar os milhares e milhares de visitantes das festas de noite, quando os jardins maravilhosos do Campo de Marte se illuminam a luz electrica e a torre apparece como abraçada em fogos de bengalla, enquanto em baixo ao longo da fonte monumental, do centro dos lagos os repuxos e jactos d'agua surgem como por encanto pittorescos de mil cores, desde a clar d'oiro pallido ao azul côr de coo meridional.

Na verdade a Exposição de 1889 é um dos maiores successos do nosso seculo, — e por isso os nossos leitores se apressam, ao febre da curiosidade, em direcção do sud-express que os devem conduzir da estação do Caes dos Soldados ou de Campanha, á gare d'Orléans, em Paris.

Que venham! Aqui terão muito que ver, admirar e estudar...

NA TORRE EIFFEL. — OS ASCENSORES.

Apresentamos hoje aos nossos leitores uma curiosa gravura dos ascensores da torre Eiffel, entre as mil engenhagens de ferro que são como uma renda transparente, vista a distancia, n'um dos recantos de Paris.

Ha tres semanas que foram inauguradas as ascensões, e o numero dos ascensionistas cresce consideravelmente de dia para dia. Mais de 3.000 visitantes por dia! Muitas pessoas ficam só na 1.ª plataforma e recebem subir até a 2.ª — que é onde se desfructa um lindissimo panorama da cidade em duas e tres jegas á volta.

O accesso da torre não é feito os pelos ascensores — quem os recriar, pode aproveitar-se enretanto das largas escadarias em caracol que sobem até ás duas plataformas da torre.

Os ascensores são de diversos systemas; do chão até ao primeiro ainda ha pelo menos os seguintes: dois do systema Roux. Combustibilizer e Lepape, e dois do systema Otis. Estes dois ultimos é que continuam a viagem até á segunda plataforma.

O ascensor Otis é um systema americano com um pistão hydraulico addicionando uma moelle como nos guindastes hydraulicos Armstrong, bastante conhecidos em França.

Colloca-se debaixo da cabine um freio de segurança que funciona automaticamente em caso de desastre ou mesmo d'allongamento anormal d'um dos cabos. As cabines d'estes ascensores não podem contar mais de 50 pessoas, mas a sua rapidez ascensional é duas vezes superior á dos ascensores Roux.

O ascensor do systema Edoux é que deve transportar os visitantes da segunda plataforma ao cimo da torre. Este ascensor é igual ao que está funcio-

nando no Tancadero ha bastantes annos. É munido d'um pistão vertical prolongador e retrahente, e a cabine pode conter 60 pessoas, pelo menos. A duração da ascensão, com uma rapidez de 30 centímetros por segundo deve ser de 4 minutos, desde a segunda plataforma até ao cimo da torre.

Estes diversos ascensores podem transportar por hora duas mil trezentas e cincoenta pessoas ao primeiro taboleiro, e mesmo ao segundo, e setecentas e cincoenta ao terceiro. D'esta forma, podem estacionar na torre 5.000 pessoas por cada hora. Não deo convir que chega a ser mais que extraordinario!

Até onde pode chegar o engenho do homem, n'esto granic seculo d'arte e de sciencia que estamos atravessando, um dos mais bellos da humanidade!

BARBEY D'AUREVILLE.

A ILUSTRAÇÃO offerece hoje ao publico amante das letras e sobretudo apreciador dos raros bons espiritos romanticos da geração de 1830, — o retrato d'um escriptor francez, moço ha pouco d'um mez e que foi considerado sempre como um dos primeiros homens de letras do nosso tempo, um vulto litterario capaz de se collocar ao lado de Lamartine, de Dumas, de Girardin, de Georges Sand, de Quinet e de tantos outros grandes prosadores que encheram a França de alto renome, desde 1830 até á epocha da terceira Republica.

Barbey d'Aureville era considerado sobretudo pelos novos, como o condestavel das letras francezas.

Tinha oitenta e dois annos — o respeitavel velho, estimado e quasi idolatrado por todos os verdadeiros artistas do coraço e de raça da geração actual. Os poetas decadentes consideravam o illustre moço, como um mestre. Vejam se as paginas que Louis Karl Huguemans — escreveu no A Rebours sobre a obra e a maneira de Barbey d'Aureville. A opinião de Huguemans regula o modo de ver de todos os escriptores novos.

Barbey d'Aureville nasceu não sabemos em que terra do departamento da Mancha, em 1807. Fez a sua estreia litteraria em 1833. Depois, desde essa data de 1833 até 1853, ninguém soube onde elle viveu, nem elle mesmo o contou, durante vint, a pessoa a alguma. Diz-se que fôra raptaido por uma dama da velha aristocracia austriaca e que essa dama o guardava durante todo esse tempo n'um castello na Bohemia.

Esse periodo da vida do grande escriptor é um verdadeiro conto de fadas, um capitulo inédito das Mil e umas noites.

Sobre este caso bordava-se muitas historias quas d'ellas a mais extraordinarias, todas envoltas no mysterio — o que dava um certo prazér a Barbey.

Como critico pouco se guiavam por Barbey d'Aureville porque a sua parcialidade era de tal ordem violenta que provocava a colera mesmo nos escriptores com um nome feio e que pouco se importam com o elogio ou censura.

Deixou-nos, no entanto, soborhos livros de prosa, romances d'um estylo colorido e deslumbrante, repousando quasi todos em paradoxos. Destacamos: L'Amour impossible, la Bague d'Annibal, Une vieille maîtresse, l'Envoies, le Fédéré marié (condemnado pela Egoja), le Chevalier des Touches, les Diaboliques, Dindautisme et de G. Brummel, Histórias sans nom, les Propriétés du passé, etc., etc.

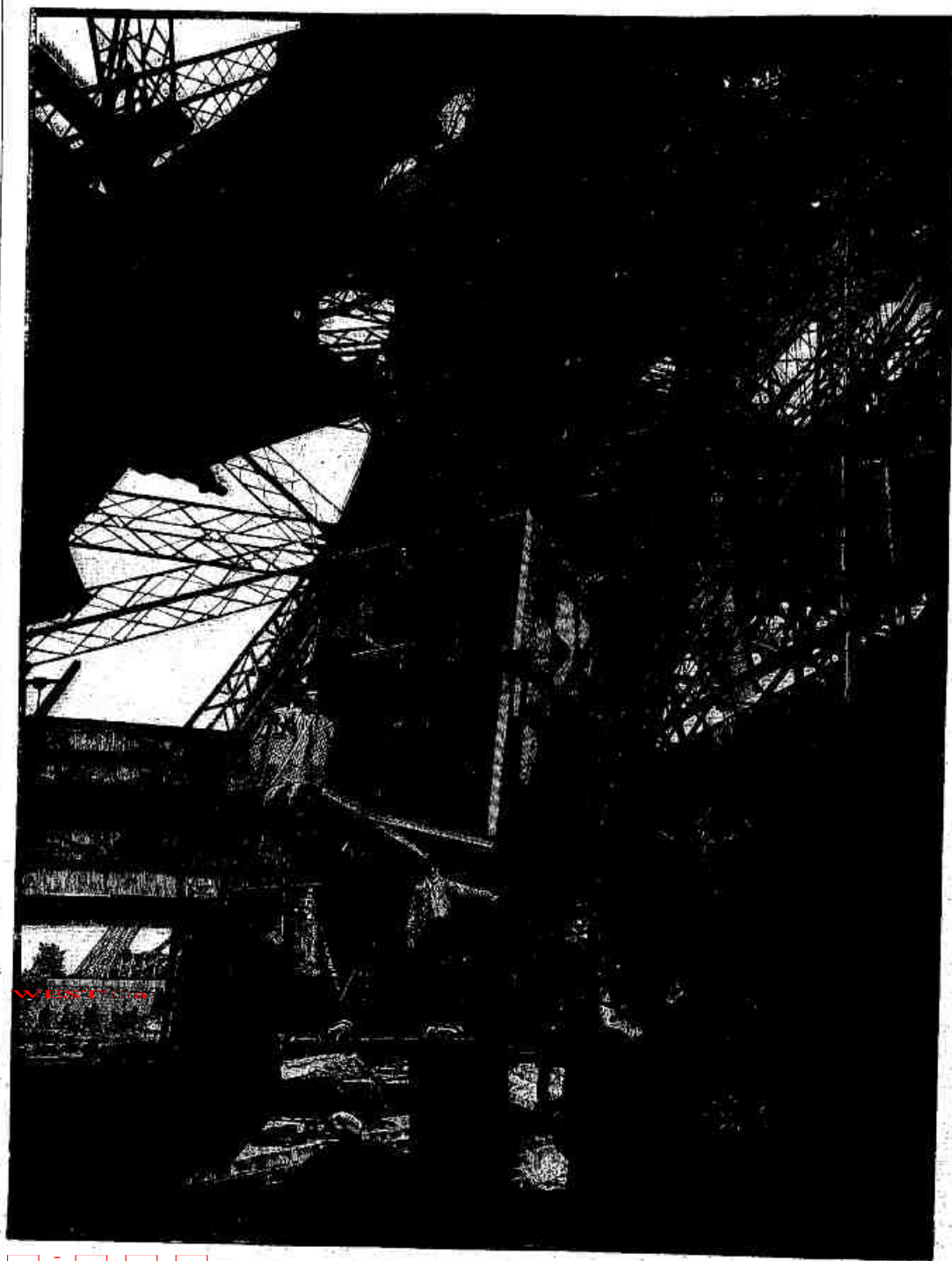
Barbey d'Aureville era descendente d'antiga nobreza da França, mas viveu sempre com poucos meios. Todo o dinheiro que ganhava era para a sua toilette. Ainda hoje, em pleno anno de graça de 1889, sahia á rua vestido á moda rigorosa de 1830, com uma casaca de veludo azul, apertada na cintura, cabellia em anéis até ao pescoço, calção e meia d'esta seda.

Mesmo até aos ultimos dias da vida pouco sempre os cabelllos e o bigode.

Em casa, este Antony da decadencia vestia uma opa de seda escarlata e trazia no cabeça o pechen, a coroa dos deuses egypcios. Usava sempre com tintas de diversas cores, aos seus manuscritos e com semelhantes ás obras da Edmundo Meda.

Considerava sempre a modestia como a hypocrista do orgulho. Um dia que o surprehenderam á janella em roupas brancas, respondeu a alguém que lhe perguntava a causa de tal loucura: « Meu caro sr. aprendo o mau mister de estatua! » D'outra vez ouvindo dizer a um jovem litterato que só havia em França dois homens de genio, Barbey perguntou logo: « Qual é o outro? »

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS



NA TORRE EIFFEL... OS ASCENSORES PARA O PRIMEIRO ANDAR DA TORRE.



BARBEY D'AUDEVILLE.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — ASPECTO DAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.

Era um conversador delicioso. Estava quasi sempre rodeado de François Copé e de Paulo Bourget. A sua morte foi immensamente sentida em todos os grupos litterarios.

ASPECTO D'ALGUMAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

Parece-nos escusado fazer uma descripção especial das gravuras que publicamos com a inscripção que serve de titulo a estas linhas.

Fallamos largamente no passado numero da ILUSTRAÇÃO das extraordinarias decorações de Paris no dia 6 de maio, e sobre este ponto insistiu especialmente na sua chronica o nosso director Mariano Pina.

O nosso desenhador, com os seus curiosos *croquis* não vem mais do que confirmar as palavras do nosso chronista, quando elle descrevia o curioso e sympathico aspecto de Paris, para solemnizar a abertura da grandiosa exposição e receber dignamente os estrangeiros que acabavam de chegar ás margens do Sena.

Chamamos pois a attenção dos que nos leem para o passado numero da ILUSTRAÇÃO, para assim melhorar comprehenderem o valor dos nossos desenhos.

SALON DE PARIS. — A SOLIDÃO

Offerecemos hoje uma outra reprodução d'uma das mais interessantes telas do *Salon* d'este anno, e cuja execução sobre a madeira nós confiamos ao nosso distinctissimo gravador Dohy. — o mesmo que nos tem executado tantos e tão bellos retratos de personagens da actualidade.

Do quadro escusado é fallar. Não tem por assumpto, nem um ponto de historia, nem uma anecdota que precise ser contada, como hoje é tão vulgar em quadros de genero. Uma delicada paizagem; uma figura adovel de mulher, figura impregnada d'uma doce e vaga melancolia; e um lindo cão que a mulher acaricia meigamente; — eis todo o quadro. E mais não é preciso para que seja encantador...

N'um dos proximos numeros da ILUSTRAÇÃO esperamos publicar reproduções das obras que os nossos compatriotas expuseram este anno no *Salon*, dando desenhos originaes dos auctores, como temos feito nos annos anteriores.

Devemos dizer para honra e orguho nosso que os artistas portuguezes se fizeram este anno representar muito notavelmente no *Salon*. Ha ali obras de Salgado, o notavel pensionista da pintura historica da Academia de Lisboa que ha um anno se acha em Paris; de Souza Pinto; dos esculptores portuguezes Teixeira Lopes e Thomas Costa; de Brito, Mello, etc.

D'alguns d'elles esperamos em breve *croquis* dos trabalhos que expõem, e immediatamente os mostraremos ao publico, para que este se convença de que ha artistas portuguezes, — apesar do sr. Visconde de Melicio ter a habilidade de *provar* no Campo de Marte que Portugal n'estes ultimos dez annos não contou um unico artista...

Porque é preciso que todos saibam que, se Portugal é o unico paiz da Europa que não tem uma secção sua de bellas-artes na grande exposição d'arte internacional do Campo de Marte, — esta vergonha se deve ao sr. Visconde de Melicio.

Podiamos expor quadros de Lupi, de Silva Porto, de Columbano, de Arthur Loureiro, de Sousa Pinto, de Marques d'Oliveira; esculpturas de sr. Duqueza de Palmella, de Soares dos Reis, de Alberto Nunes, de Rato; quadros e esculpturas d'outros muitos artistas, que fariam distincta figura n'uma sala especial.

Mas o sr. Visconde de Melicio passou em 1888 o seu tempo em Paris em jactares, intriguinhas, theatrinhos e combinações mysteriosas, e deixou passar todos os prazos para a entrega dos trabalhos, sem se importar com a figura — a má figura — que o seu paiz vinha fazer a Paris. Porque o sr. Melicio não só comprometteu os artistas, mas até os indus trias portuguezes. E se não fosse a Real Associação de Agricultura de Lisboa, e a Associação Commercial do Porto, — nós teriamos em Paris uma exposição vergonhosa, que havia de ser o alvo da tropa e da piedade de todos os visitantes do Campo de Marte.

Mas apesar de tudo isto ainda havemos de ver o sr. Melicio, que já é conselheiro, par, e visconde —

presidente d'um conselho de ministros... e duque parente.

Quanto mais nullo é um homem, mais probabilidades tem de pertencer aos grandes da terra. N'esto ponto a sabedoria das nações é d'uma amabilidade quasi obscena para com as pessoas que sendo excellentes e até excellentissimas, nem por isso deixam de ser absolutamente inuteis...

M. BERGER — DIRECTOR GERAL DA EXPOSIÇÃO.

M. Berger é sem duvida um dos homens que mais trabalhou para o triumpho completo d'essa magnifica exposição universal que é o assombro da Europa inteira.

Em 1878 foi o encarregado dos pavilhões estrangeiros, mas na exposição do Centenario a sua missão foi muito mais importante e desempenhou-a com merecido elogio.

Eis um dos homens mais dignos d'applauso, na coroação da festa da Exposição; porque M. Berger demonstrou que era um patriota, na alta significação da palavra, pelo zelo que empregou no desempenho das suas funcções durante o periodo d'organisação da brilhante Exposição de Paris de 1889.

OS BAILES NO PALACIO DO ELYSEU

Uma das nossas gravuras representa um dos salões do palacio do Elyseu, residencia do Presidente da Republica franceza, em noite de grande baile em honra dos commissarios estrangeiros junto da Exposição Universal de Paris.

O ultimo baile a que tivemos a honra de assistir, e para o qual se haviam feito cerca de 3000 convites, foi tão extraordinariamente concorrido, que a partir das onze horas da noite já era impossivel circular por todas as salas, dançando-se n'algumas com immensa difficuldade.

Ao entrar-se no Elyseu a primeira impressão é um tanto curiosa, pela variedade de *toilettes* das senhoras, pela variedade dos uniformes, e pela variedade dos tipos, desde os negros fillos do Senegal, até aos desmaiados fillos do Celeste Imperio. Mas observados nos seus detalhes, os bailes do Elyseu deixam muito a desejar, tendo alguns lados bastante comicos, taes como: a etiqueta que a Presidencia observa; a attitudão solemne e magnifica que toma o Presidente, isolando-se dos seus convidados; e o ar affectado e enoçado das damas de honra que fazem procissão atraz de Madame Carnot...

Nos tempos do bom presidente Grevy as recepções no Elyseu passavam-se com a maior seriedade burguezia. Hoje o sr. Carnot parece querer imprimir um tom de corte aos seus bailes, e portanto a affectação é visivel, e bem visiveis certas faltas de bom tom, a começar logo á entrada do palacio onde os criados que recebem os casacos e as *sorbas* de bal espalham sobre o balcão peças d'um franco, para assim obrigarem os convidados a darem-lhe gorjetas pelo trabalho de arrumarem e guardarem esses objectos!

A terrivel verdade humana é que toda a gente prega democracia; — mas os democratas que chegam ao poder são os primeiros a imaginar que tem um Rei na barriga...

Os dois ultimos bailes offerecidos pelo Presidente da Republica franceza aos commissarios da Exposição foram duas festas brilhantissimas. As recepções do Elyseu desde que o sr. Carnot tomou os redegos do governo, são do mais alto interesse.

Como se vê na gravura que hoje publicamos no terceiro salão, o Presidente da Republica e Mme Carnot recebem os seus convidados. Esta recepção é a inauguração official das novas galerias de festas do Elyseu — galerias que estavam em construcção ha dois mezes a esta parte. O grande salão central tem cerca de 60 metros de comprimento sobre 8 de largo. E nas duas extremidades estão dois outros pequenos salões rectangulares.

As paredes d'alto á base estão completamente guarnecidas de velhas colchas dos Gobelins, d'um luxo extraordinario. Produz um effecto ao mesmo tempo simples e pomposo essa fileira enorme d'obras-primas tecidas — que antigamente estavam quasi esquecidas no *Garde Meuble* onde ninguem lá se podia ir admirar.

Essas admiraveis tapestarias comprehendem qua-

tra assumptos mythologicos da galeria de Saint-Cloud e foram executadas segundo os desenhos do Mignard pelo irmão do rei, em 1678. Representam o *Triumpho de Baco*, o *Sacrificio a Ceres*, *Apollo e as Mutas* e o *Nascimento d'Apollo*.

A galeria dos 60 metros está toda ornada d'um lado com tapestarias dos Gobelins do seculo XVIII, representando a historia de D. Quichote, segundo os desenhos de Audran e Coppel; e do outro lado vemos as tapestarias chamadas das *Termes*, bordadas segundo Lebrun, no seculo 18.^o

O grande salão rectangular está todo forrado de seda escarlate com franjas d'ouro. Vêem-se tambem ali tapestarias da serie dos deuses, segundo os desenhos d'Audran. O alto da sala é admiravelmente pintado por Lavastre.

Os moveis e os divans são em *brocatelle* amarella; sobre as consolas vêem-se bellos vasos de Sèvres e do tecto descem os lustres d'estylo Luiz XV, dispostos de maneira que servem tambem para a illuminação electrica.

No fim de contas a Republica franceza não se jacobinisa tão de pressa como era o desejo dos novos *sans-culottes*, porque os bailes do Elyseu querem reaver as *soirées* do imperio e a todas as recepções que os chefes d'Estado costumavam dar, para attestar a magnificencia da corte ou o luxo aristocratico.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — A HISTORIA DA HABITAÇÃO.

Um dos trechos mais pittorescos e mais interessantes da grandiosa Exposição Universal de 1889 é sem duvida o magnifico trabalho do illustre architecto Garnier, — a *Historia da habitação humana*, que comprehende e occupa o espaço que vai da torre Eiffel ao Sena.

Carlos Garnier é o architecto da Opera e bastava-lhe a construcção d'essa famosa Academia de Musica, no coração de Paris, para ter o seu nome universalmente conhecido e respeitado. E sem hesitação um dos primeiros architectos da actualidade e um dos primeiros artistas do nosso tempo.

Apenas deixamos a ponte d'Iéna, vemos ao lado uma construcção que serve d'annexo á galeria das Machinas eapparelhos de mechanica geral e ao lado d'esse grande hangar estão os dois pavilhões da Companhia internacional do petroleo.

Perto do pavilhão da direita, no mesmo alinhamento temos a exposição particular da sociedade geral d'electricidade, e junto do pavilhão da esquerda — vasto pavilhão reservado ao material de navegação e salvamento, eleva-se o panorama da Companhia Transatlantica — que é uma das grandes curiosidades da Exposição.

Eis-nos enfim na parte do cues d'Orsay onde o sr. Carlos Garnier organisou a exhibição tão fallada e tão applaudida, da historia da habitação humana.

Os specimens são pequenos, nem o espaço e os creditos votados davam para mais. Mas todos os tipos da habitação atravez das idades são completos e magnificos, desde as cidades lacustres e as grutas dos tempos prehistoricos até ás elegantes maravilhas da Renascença.

O sr. Garnier dividiu a sua exposição da Historia da habitação humana em dois periodos, — o periodo prehistorico e o periodo historico.

O primeiro comprehende as moradas e habitações debaixo da terra, as grutas, os abrigos por entre as rochas, pelos troglodytas; as habitações debaixo da terra das epochas de renna, da pedra polida e do ferro, e as *cités* lacustres, ao tudo cinco tipos completos de habitação.

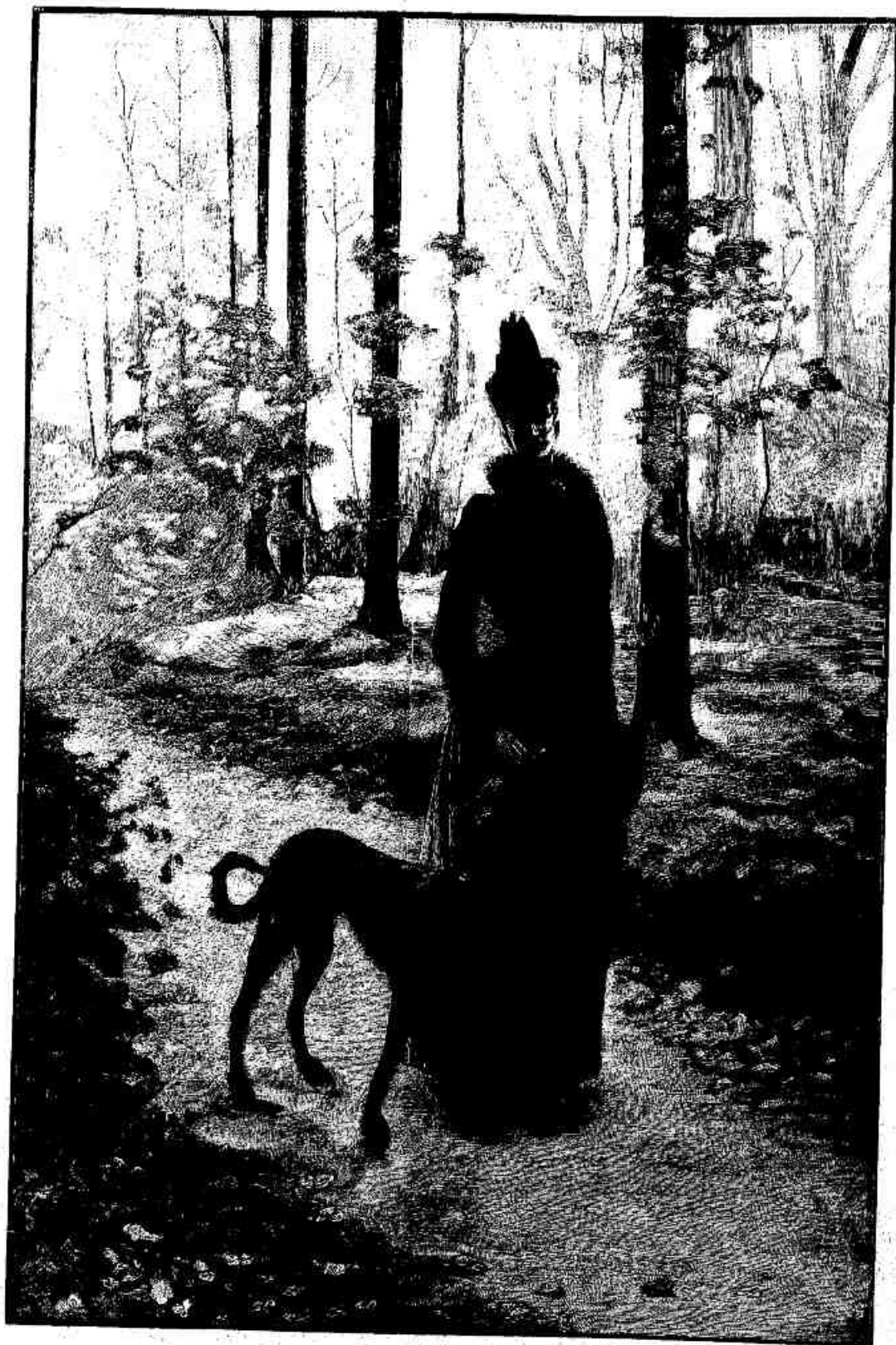
O periodo historico divide-se em cinco capitulos porque essa exhibição é não só um trabalho para agucar a curiosidade do publico em geral, como tambem é um livro aberto d'estudo profundo e do mais alto criterio scientifico.

O primeiro capitulo ou secção comprehende as civilizações primitivas, os tipos da habitação entre os Egyptios, os Phenicios, os Assyrios, os Polignios e os Etruscos antes da era Christã.

A segunda secção: as civilizações nascidas das invasões dos Aryas, as habitações dos Hindús, dos Persas, dos Germanos, dos Gaulles, dos Gregos e dos Romanos antes da era Christã.

A terceira secção: comprehende a civilização romana no occidente e exhibe as habitações dos Finos, dos Scandinavos, specimens de casas gallo-romanas, romanas, meia idade e renascença.

Na quarta secção ou subdivisão temos a civilização romana no oriente e comprehende as habi-

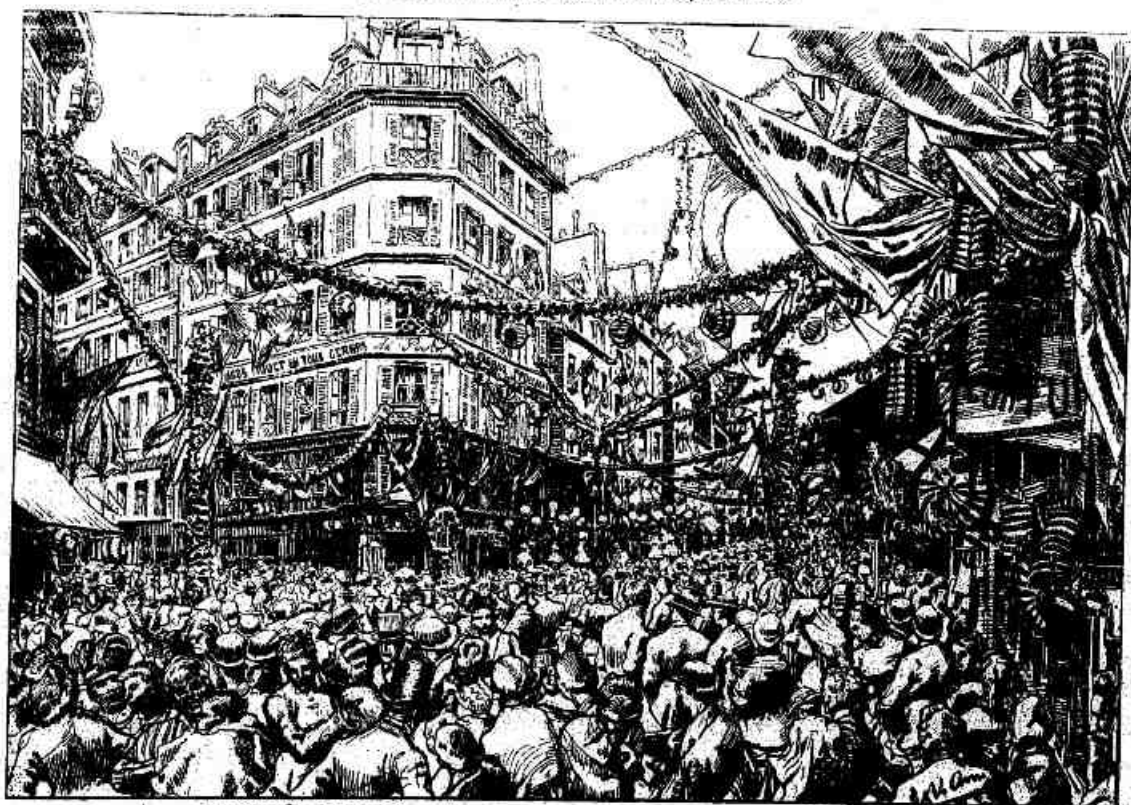


O SALON DE PARIS. — **SOLIDÃO.**

(Quadro de André Brouillet).



M. BERGER, DIRECTOR GERAL DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — ASPECTO DAS RUAS DE PARIS NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO.

tações byzantinas, slavas, russas, gaeles, turcas, etc. Emfim a quinta e última subdivisão: trata das civilizações contemporâneas, das civilizações primitivas, mas não tendo relações com ellas, porque não exerceram influencia alguma na marcha da civilização atavez as idades. Essa secção comprehendendo as habitações dos Chineses, dos Japonezes, dos Esquimaes, dos Incas, dos Lapões, dos Astecas, dos Pelles-Vermelhas e dos povos da Africa equatorial, onde o homem ainda se conserva no estado selvagem.

Esta rua com casas e habitações de todos os felizes, formatos e cores é muito mais interessante do que a famosa rua das Nações da Exposição de 1878.

A Exposição da habitação humana é no mesmo tempo instructiva e pittoresca.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — OS VAPORES DOS ARMAZENS DO LOUVRE

O serviço dos visitantes da exposição, pelo Sena, é feito por quatro companhias que veem a ser:

- A companhia dos vapores-mozas;
- A companhia dos vapores-andorinhas;
- A companhia dos vapores parisienses;

E agora a companhia dos vapores dos Armazens do Louvre.

Estes barcos são elegantíssimos, todos repletos de ornatações douradas; lembram os nossos galeões reaes, tão conhecidos dos nossos leitores de Lisboa.

Os vapores do serviço da exposição, pertencentes à companhia dos Armazens do Louvre são também uma das curiosidades da exposição.

Todos os compradores do Louvre tem direito a um ou mais bilhetes d'ida e volta nos barcos a vapor, representados na nossa gravura da ultima pagina.



A MORTE DE LILI

Que fazes tu, creança, á chova n'essa esquina, inquieto, a olhar além?... K's tão mimosa, louca, anêmica, franzina, não um melindrer, um ai, que se o rebento vem pôde transmitir, ó flor, ó setimosa fructo!

Mas tu, choras Lili?... Lili, estás de luto?... Lili, já não toas mais?...
Lili, já não toas mais!...

Lili pôthos azues, que é das risadas francas que se ouviam cantar?

Lili, que o do seim rosado das faces brancas, teu rir quizes pratear d'ouro, ou tymbales no ar? Narea ao meu coração os ais que te consomem; Louca, d'olhos azues, abala um peito d'homem e te toas olhos chorar!

Porém, repare agora: — uma mulher do enxurro falia comigo e ri...

Passou um valdevisu, e owl bom o sussuro d'um beijo enxovalhar-te a jaqueta tez, Lili! O melindroso flor, orpilh d'affecções ternas, ai de ti, se relante ao horror dos nove infernos. Ai de ti! ai de ti!

Quem foi que te vendeu?... Foi teu mãe, um dia, cançada d'aguardar

teu pai que vinha tarde ou ebrio d'uma orgia, sem ter deixado pagé, nem luno paga o lar? Quem foi que te vendeu, meiga pequenina doce, seragilho do bordal, branco alferim de alcouce, anjo doitipantar?

Quem foi que te vendeu, grácil pequena loura, loura da cor das ciras?

Quem foi que arremessou tua cantante aurora á enxerxa do bordal e ao lodo das regueiras?... Quem transtornou, á chova, o ouro d'essa trança?... Quem trancou comigo, — alma e gentil creança de timidas manieiras?

Quem foi que te vendeu? Não teu mãe, decento. Acaso existe ninguém

que tenha um jaco assim, um ai, um lyrio aberto, e o lance para o enxurro, aos pés do deus Vintem? Não. A ignobil mulher que foi vender-te a praça, ao cobro do plebeu, e ao rir da população, não é, nem sem mãe.

Quem te mandou á chova, ó tremula innocente, vender-te a quem passava?

Escravatura brum horrida do Occidente? mais alguma que a negra e ainda mais escrava, para deixar assim laisar estas creanças, onde tem a justiça então sens balanças, e a Lei a sua clava?

O que é que fizeste tu, Ordem, ó dona nê'a, que apuraste á prisão

o mugilo do fome e o uivo da miséria, que ouxam vir á villa a mendigar e pijo e deixas traícar, nas ruas, as esquinas, as creanças gentis, as jovens mestralinas, que andam de mão em mão?

Rapariguita louca, ó lyrio sem raizes, tens roxa e fria a tez.

Porém que importas agora a Thonja e aos felizes que o teu corpinho tramo no firo e á timidez?... Por estes tempos mais de criticas finanças Thonja levou á cunha o ouro das balanças, a Lei domue talvez!

Eai creio até que a Lei, deusa d'antiga raça, vingada d'eternas, teve um impeto e quiz vir proteger á praça os orphãosinhos nê's. Foi-se vestir... depois, senti tão rijo o vento a buzinar no tecto, que de novo metteu o seu nariz correcto debaixo das lanças.

Lili então nasceu, com voz sumida... um ai... trancando me da mão, que jamais conhecia em toda a vida o pie, e a triste mãe dormia tu tempos, n'um caixão. Foi posta n'um convento a educar, d'escola, e ali n'essa pombal, entro caverna, escola um padre, um padre, então...

Um padre, ó mãe, um padre a pollar a infancia, um padre a conspurcar, sem magoa e sem rebuço, a angelica ignorancia, que não sabe o que é coa, mas que o fundu no olhar, um padre, cauto e doce, a argamassar o crime de chafurdar no escuro esta creança... um vime... no chão do lupanar!

Monstruosa corrupção, historia moderna tu que ha tanto caminhas

de nevesas em nevesas a podridão eterna, não te bastavam já as victimas que tinhas, nem teu abjecto rei de incesto e o adulterio, faltavam-te ainda mais os pijos de Tiberio; — os ais das creanças!

Deus ancão, deus do raio, — ó moralista assombro dos prophetas judeus,

tu que assolaste ouzuri e que tornaste escombro o Mar Morto, com fogo e cólera dos ceus porque irritado agora, ó Vingador não lanças sobre estes gajões rapazes das creanças algum raio dos teus?...

Pobres Lili, jamais a esperanças d'um marido far-te-ia rir de peja!

Jamais tu ouvirás dos filhos o chileido; Jamais verás n'um beijo o selo do teu desejo. Jamais o embullarito, cantando as velhas rimas, Nenhum, noivo, ai de ti! dueite ha pelas vindimas, o seu priauite beijo.

Lili não durou muito. — Exhaustu um dia, á tarde, morreu n'uma caminha.

Morreu qual tenaz luz que bruxoleia e arde, como ave que ao morrer cõcorda a cabecinha, morreu como uma flor trançada pelo norte... E a sua mansa voz, ao approximar-se a morte, inda era mais mansinha.

Morreu qual passarinho — herua rasteira e ingloria n'um carreiro sem luz.

Tá ha uma tosse rouca, e lividas maremórea d'um rosteiro em marfim d'um rigido Jesus. Tinha uma tosse rouca, estrangulada, frouxa, E fazia chorar ver a magreza roxa de seus brachinhos nua.

Morreu qual sópro, um ai, um coração que secca No escuro, sem ninguém.

Morreu, tenho destruído ao peito uma bonéa, que fôr em seu viver, primeiro e ultimo bem, Com ella eu a enterrai n'um calhossinho d'ave... E Lili, morta assim, levava um rir suave d'uma tristinha mãe...

O' creanças gentis, garraños passarinhos, vossa inquietu estroinaze,

vossos risos pueris mais musicas que os ninhos d'ão mocidade á alma e alagani de meiguice! O' pafestas abeis, vós sois, louros traquinas, rosas do nosso amor, as heras das ruínas, sel da nossa velhice.

Avésdis jovias sois a rememiscência do nosso infanzia em flor...

Vossos loucos amos frisadas do innocencia são cadeias que mais soldam ainda o amor, sois os risos do lar — e em horas de desgraça vossos brachinhos são a cruz a que se abraça á nossa grande dor.

Dizem que vós fazeis um tal molim que alegre, insano, absurdo, atroz.

Porém, quando morreis, e uma cruzinha negra vos tapa o calhossinho, e os paes ao sentem só... quantos! estão mudos lar, parques, jardins, terraços, e o ar nem de vós traz leve rumor de passas... então, choramos nós.

Assim morreu Lili, n'essa era ferren e dura d'Uranias capulosas.

Ninguém vai visitar essa cruzinha obscura. Ninguém pendura n'ella as plantas graciosas. O globo continuu intepido e tranquilla, a Ordem, séria dona, a fazer bem o clyvio, e o Sol a fazer rosas.

GOMES LEAL



BÉBÉ

BÉBÉ tem quasi seis annos; ha de fazel-as em Outubro. E' miudinha, lymphatic, voluntariosa. Foi creada com doce. O seu pequenino corpo é de uma brancura lactea, assetandada, doentia. As pernas são tão fininhas, tão fininhas que parecem cordas de guitarra.

Bébé tem os olhos lindissimos; grandes e humidos. Fazem lembrar as longinquo horizontes aquaticos, de uma monotonia melancolica e vaga.

Bébé é a alegria do lar, a graça da família, o encanto dos amigos da casa. Coberam-n'a de beijos, banharam-n'a em mimos, vestiram-n'a de glorias. Quando ella, por acaso, tem um dia precoce, nervoso, infantil, os olhos de sua mãe dilatam-se em uma plenitude orgulhosa e feliz. E, á noite, quando as visitas chegam, repete-se em voz baixa o dito prodigioso e passeiam nos labios sorrisosinhos benevolos, feitos de pontos de admiração. E, Bébé, que parecia entretida, folheando um album, ouviu tudo, percebeu tudo com a sua pequenina orelha, de uma sensibilidade aguda e curiosa.

Bébé, nos appetites, nos gestos, na physionomia, parece-se muitissimo com sua mãe e nada, absolutamente nada, com seu pai. Uma vez, n'um jantar, uma senhora indiscreta fez esta observação á mãe da pequerrucha. Ella corou e elle fez-se pallido, extraordinariamente pallido...

Bébé tem vaidadesinhas incoercíveis, fortes, imperiosas, como certas essencias d'uma subtilena penetrante, que se vendem ás gottas.

Bébé vai ao theatro. Chora com as peças adulteras; ri com as farças d'uma jovialidade gordurosa e cynica; aprende os gestos irritantes e convencionaes das actrices da moda; depois, no outro dia, ao almogo, a Bébé, a innocente Bébé, canta uma copla obscena da comedia que ouviu na vespéra. E a mãe abraça-a, beija-a, applaude-a, dá-lhe doces indigestos e diminutivos cariciosos.

Bébé usa luvas claras e botinas com saltos à Luiz XV. No verão, quando passeia nos jardins, ao meio dia, depois da missa, as luvas paralisam-lhe as mãos, as botas incendiam-lhe os pés, a gomma dos vestidos brancos alaguelha a carne tenrinha e delicada, e, com tudo, não chora, não se queixa, caminha hirta, orgulhosa, constrangida e quando elle passa dizem as burguezas:

— Que galantinha! Vae como um anjo!
Bébé acredita em bruxas, sabe o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 5.

Quando Bébé chegar aos 16 annos, será pallida e anêmica e os seus olhos terão o brilho macerado e triste de que os medicos não gostam. Tocará Offenbach. Ha de rir muito para mostrar os dentes, que são alvos e bonitos. Terá desmãos, alucinações, nevralgias e o estomago fraco. Amará os alferes e os poetas lyricos. De resto não acreditará em bruxas, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 3.

Aos 22 annos, se casar rica, dará esmolas aos paylos. Deixará morrer de fome os parentes proximos. Trocará seu marido, que ha de ser gordo, pelo primeiro Arthur magro que lhe appareça. No dedito minimo do pé direito terá um grande desgosto, sob forma de callo. E, além de tudo isto, saberá o Padre Nosso e a taboada até á casa dos 2.

Eu já o disse: Bébé, tu és a alegria do lar, a graça da familia, o encanto dos amigos da casa. Os teus sorrisos são vermelhos como as amoras e os teus gestos infantis, nervosos, miudinhos, teem, ás vezes, a graça sanguinea dos animaes innocentes. Depois, as tuas rabugas, as tuas impertinencias bulhçosas nunca provocaram uma reprehensão, um olhar, uma palavra de enfado. Teus vividos uma vida serena, tepida, unctuosa, como as princezinhas felizes dos contos de fadas. Se tu morresses, tua mãe choraria de mego, diz ella. Teu paé, aquelle homem, grave e silencioso, que traz remotes nas botas e collarinhos amarelados pelo suor, que ganha duramente o pão alvo e branco, que vós coméis, elle, que falla pouco, porque em quanto tua mãe discute o talhe de um vestido, calcula quantas horas de trabalho serão necessarias para o comprar; elle, que, quando vós rides no theatro está pensando no vencimento de uma letra, na conta da modista, nas dividas do ménage, elle, Bébé, tão sombrio, tão triste, tão bilioso, ainda ás vezes, sabe encontrar para os teus beljos, só para os teus, um rosto clarificado e satisfeito.

Pois olha, Bébé, quando, ás vezes, te vejo passar na rua embonçada, frisada, pretenciosa, cheia de rendas, cheia de puffs, limpando angelicamente, com a ponta do dedito minimo as pequeninas feridas do teu narizinho arrebitado e guloso, sabes, meu anjo, o que peço a Deus n'esse momento, o que lhe peço do fundo de todo o meu coração? E' que mande um garotinho que te leve ao paraizo no espaço de 24 horas.

Eu bem sei que tua mãe ha de chorar muito, ha de querer morrer, mas não morrerá, soçega, affianço-te eu. Não se morre de dor aos 26 annos, quando se tem um amante, um remorso e um estomago forte.

Depois, os sinos, Bébé, não chorarão por ti as badaladas sombrias, as monstruosas lagrimas de bronze que choram por nós, que descemos á cova, roidos pelos vivos, mortos pelos desejos, verminados pelas paixões. Quando tu passares tocarão musicas alegres, vivazes, matinaes. Irás mettida dentro de um caixãozinho muito bonito, tão bonito como aquelles cofres preciosos que tua mãe observa, felizmente, nas grandes vidraças dos ourives. Por dentro, será forrado de setim branco e por fóra de setim azul com galões dourados. Irás mergulhada na espuma cariciosa das rendas de Bruxellas. As tuas mãosinhas,

pallidas como marfim antigo, leval-as-has cruzadas sobre o peito. Adornarão a tua formosa cabeça com uma coroa de flores. E tua mãe, louco, febril, soluçante, imprimirá o seu ultimo beijo na tua face de uma pallidez de cera transparente, com uns ligeiros toques esfumados da cor das violetas. Depois irás dormir no cemiterio dentro d'um sepulchrosinho de marmore branco, desenhado em Paris.

D'este modo, Bébé, tu não chegarias a casar, o que seria uma fortuna para teu hypothetico marido, viverias no céu, ao pé do anjo Gabriel, que te daria muitos rebufados, sem te perguntar a taboada, e eu, Bébé, eu, que te pareço tão mdo e tão ingrato, comporia em tua memoria um soneto colorido, um soneto moderno, com rimas difficeis.

GUERRA JUNQUEIRO.

O JULGAMENTO DE PHRYNEA

*Muevete — a divina e pallida Phryne —
Comparece ante a austera e rigida assembleia
Do Areopago supremo. A Grecia inteira admira
Aquelle formosa original, que inspira
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles.
Do Hyperides á voz e á pallida de Apelles.*

*Quando os vinhos, na orgia, os convivas exaltam,
E das roupas, enfim, livres os corpos saltam,
Nenhuma hetere sabe a primeira taça,
Transbordante de Cyp, erguer com maior graça,
Sem mostrar, a sorrir, com mais gentil meueio,
Mais formoso quando ri, nem mais nevado seio.*

*Extremecem no altar, ao contemplar, os deuses,
Nua, entre aclamações, nas festivas de Eleusis...
Hasta um rapido olhar provocante e lascivo...
Quem na frente o sentiu curvo a fronte, captivo...
Nada ignora o poder da sua mão peguena:
Hasta um gesto: e a seus pés roja-se humilde Athens...*

*Vae ser julgada. Um voto, tornando inda mais bella
Sua occulta nudez, mal os encantos vela,
Mal a nudez occulta e sensual disfarça.
Cão-lhe, espaldas abaixo, a cabelleira esparça...
Queda-se a multidão. Ergue-se Euthias... Falla,
E incita o tribunal severo a condemnar...*

*« — Eleusis profanou! E falsa e dissoluta,
Leva ao lar a stípacia e as familias cultas!
Dos deuses tomba! E impiet! E mal! » (E o pranto ardente
Corre nas faces d'ella, em flus, lentamente...)
« — Por onde os passos moza corrompido não espraia
E estende-se a discórdia! Helianetes! condemnai-a! —
Vacilla o tribunal, ovinada a voz que o duma...*

*Mas, de prompto, entre a turba Hyperides axona,
Defende-lhe a innocencia, exclama, exora, pede,
Supplica, ordena, exige... O Areopago não cede.
« Pais condemnai-a agora! — » E é ré, que trema, a branca
Unica despedaça, e o voto, que a embore, arranca...*

*Peznam subitamente os juizes destumbrados,
— Lêes pelo calmo olhar de um donador curvados:
Nas e branca, de pé, valente e luz do dia
Tudo o corpo ideal, Phryne apparecia.
Diante da multidão atônita e surpresa,
No triumpho immortal da Carne e da Belleza.*

OLAVO BILAC

AS AGONIAS

*Meio dia. Um calor electrico. Parece
uma lamina d'ouro, irregular, a massa.
Anda na mata um bando arrulhador de rolas,
Tecendo o sol, zumbindo em torno das corollas,
Trabalha sem descansa as douradas abelhas.
Cór d'opalis, por sobre as papoilas vermelhas,
poisam languidamente as vagas borboletas.
Um céu feito em cobalto. As aças irrequietas
erguem um branco vôo... Passa p'ra o cemiterio,
de preto, silencioso, um cortejo funereo...
Uma borboletta, avasso, foi cair
sobre o lago, e um instante as aguas, a franjir
fazem tremer de manso, e lentamente, a imagem
aos nonuphates d'ouro erguidos sobre a margem.
Depois... Mais nada! Muito unidas as aças,
sem luzia, a borboleta afundou-se nas aguas...
E, sempre longe, sempre esphingico, sorrindo
o sorriso da luz, procreator, infando,
o céu nem sequer vê os dores infinitas,
nem reflecte sequer a immensidade das Maguas!*

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.



A REVISTA DAS REVISTAS

A CULTURA DAS FLORES PARA AS PERFUMARIAS

Do *Journal of the Society of Arts*:

« Ha cerca de um seculo que a cultura das flores em grande escala e a fabricação de perfumes e essencias constituem no sul da França uma industria especial e lucrativa. O fabrico tem a sua principal sede em Grasse, departamento dos Alpes Maritimos, havendo-o tambem mais ou menos em Sommières, Nîmes, Nyons e Seillans.

« As flores principalmente cultivadas são as violetas, junquillos e rosas ou minhonetas que, no geral, são colhidas em fevereiro, março e abril; as rosas e as flores de laranjeira, o tomilho e o alecrim em maio e junho; os jasmims e tuberozas ou angelicas em julho e agosto; a verbena e o nardo em setembro, e a acacia em outubro e novembro. Colhem-se flores nas tres quartas partes do anno, mas a época de mais actividade n'estes trabalhos é a de maio a junho, quando se colhem as rosas e as flores de laranjeira. O tomilho, o alecrim e a verbena são productos de somenos importancia, que os lavradores cultivam em pequena escala para destillarem em appurheis muito simples, produzindo assim qualidades de essencias mais ou menos inferiores que servem para misturar com as boas essencias fabricadas nos grandes estabelecimentos situados nas localidades que acima mencionamos.

« O consul inglex em Marselha, tratando da cultura das flores no sul da França, diz no seu ultimo relatório: — que as condições de prosperidade d'este ramo de industria podem ser avaliadas por um exemplo. A propriedade de Seillans, no departamento do Var, mede apenas nove hectares e está situada na costa meridional das collinas approximadamente a dois mil pés acima do nivel do Mediterraneo e a uma distancia de trinta e dois kilometros da costa. O terreno calcareo era de sua natureza pobre, e o escasso rendimento que davam as oliveiras que n'elle cresceram durante um seculo ou mais, até 1881.

« O terreno era tão declivoso que as aguas de uma manancia, que cae das rochas, não podiam ser bem aproveitadas para regas, julgando-se por isso quasi sem valor aquelle solo. Em 1881, resolveu o proprietario arrancar as oliveiras, e dispoz o terreno para a cultura de flores, cavando-o até á profundidade de quatro metros, e removendo as pedras que lhe serviam para construir muros que sustentassem os socacos em que dividiu a propriedade, abrindo na parte superior d'esses socacos uma sanja com outras transversaes para condução das aguas destinadas á rega.

« A desigualdade do declive pôde avaliar-se pelo facto de medirem mais de dois mil metros de extensão os muros levantados para sustentarem os diversos socacos n'um espaço de pouco mais de sete hectares.

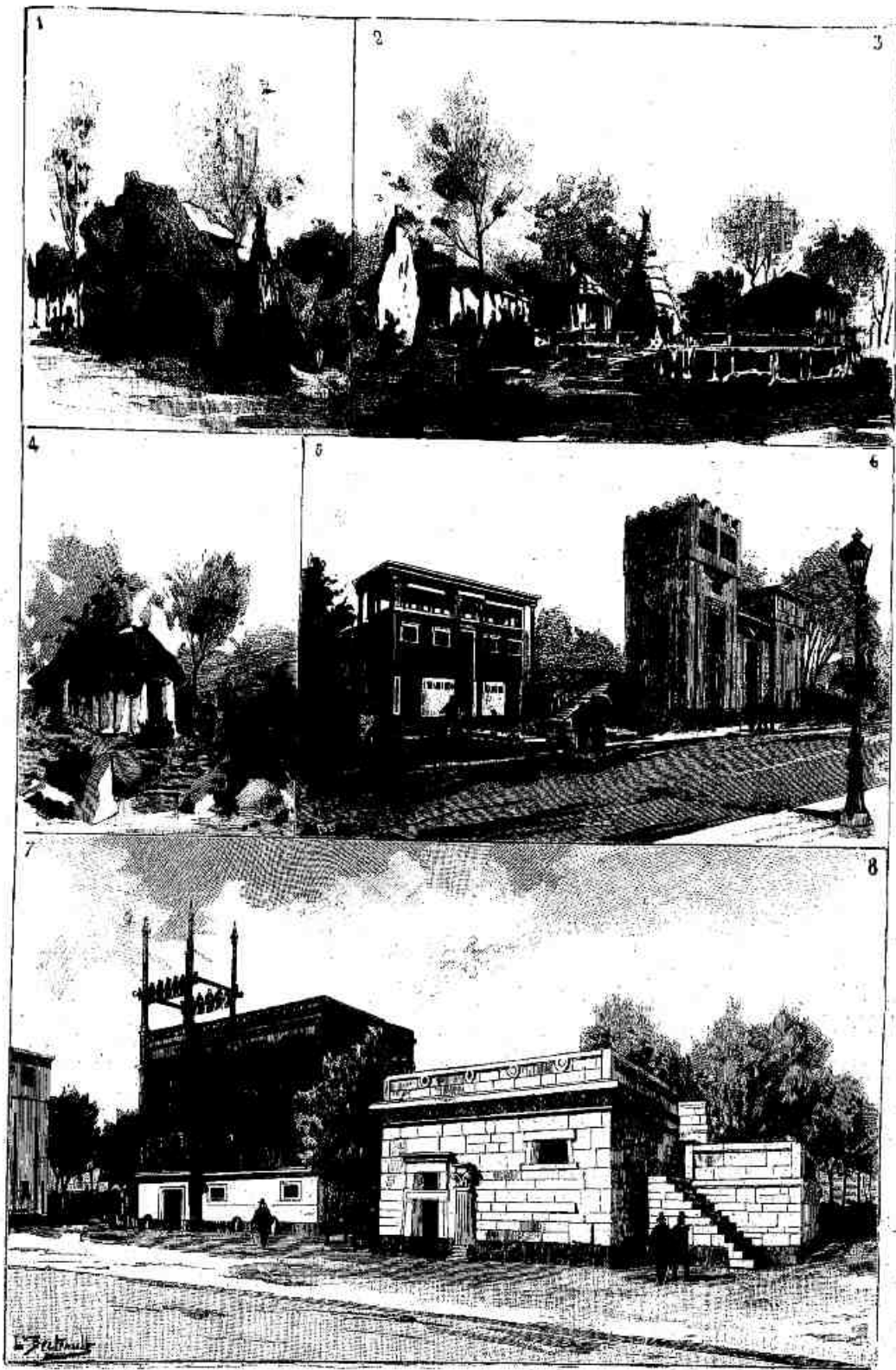
« Esses socacos, dispostos como dissemos, dão uma superficie de sete hectares de terra bem preparada para culturas. No outono de 1881, plantou 45.000 violetas e 140.000 jasmims brancos, e na primavera seguinte rosas, gerânios, jacinthos e junquillos, construindo tambem um laboratorjo para destillação de perfumes.

« As flores cresceram vigorosas, e em 1885, ao 4º anno da installação, esse terreno, que apenas dava um rendimento calculado de 90.000 reis, produziu em perfumes perto de 30.000.000 reis, apresentando um lucro liquido superior a 8.000.000 reis, o que prova a vantagem que pôde tirar-se da cultura de flores em terrenos favoraveis e sob uma direcção intelligente.

« Das observações feitas em Seillans e em Grasse, onde as flores para perfumes constituem a principal industria, deprehende-se que a condição essencial parece ser uma altitude de 500 a 2.000 pés. As flores que crescem n'estes solos elevados consideram-se mais ricas em perfume do que as cultivadas nos vales e terrenos baixos; um solo rico em elementos calcareos, uma situação abrigada dos ventos do norte e não exposta ás geadas, que na pri-



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS BAILES DO PRESIDENTE DA REPUBLICA NO PALACIO DO ELYSEE.



1, 2 e 3. Préhistóricos: Gruta troglodyte. — 4. Cidade lacustre. — 5. Casa lacustre. — 6. Casa egípcia. — 7. Casa assíria. — 8. Casa fenícia. — 9. Casa dos hebreus.

mavera e outono cobrem mais ou menos os terrenos baixos, são o complemento dos requisitos para o bom êxito de empresas semelhantes. Em regiões, como o sul da França, onde a chuva escassa, acontecendo muitas vezes não cair nenhuma nos meses de maio e setembro, a irrigação é essencial para a floricultura. Diz-se que os cultivadores e destiladores da costa do Mediterrâneo atribuem o bom resultado da sua indústria ao clima peculiar da Provença e ao conhecimento de todas as particularidades da profissão, adquirida por mais de um século de experiência e transmitido de geração em geração. Para os perfumes não se empregam as diversas variedades de flores que os jardineiros têm melhorado, mas unicamente as flores naturais e primitivas.

As rosas nas encostas de Seillans são as ordinárias ou comuns, e a violeta silvestre é preferida a todas as variedades maiores, artificialmente desenvolvidas. Cultiva-se só o jasmim branco e não o amarelo, nem as outras variedades menos odoríferas, e as plantas são dispostas em linhas, a distância de dez polegadas umas das outras, e muito debastadas. As roseiras plantam-se nos socos mais baixos e desbastam-se igualmente, ajudando-se com abundância o terreno que medeia entre as plantas. Colhidas as rosas, costam-se as roseiras algumas polegadas acima do solo, para terem mais vigor na estação seguinte. Por ocasião da apanha das flores, ha agentes que percorrem diariamente as propriedades para a compra de flores, variando os preços conforme a importância da colheita e a procura do mercado. As flores são sempre colhidas de manhã, logo que perdem o orvalho da noite anterior.

ESTATÍSTICA MILITAR

O effectivo dos exercitos que as potencias europeias mantem em tempo de paz eleva-se, ao todo, a 3.163.474 homens, dos quaes pertencem 896.638 à Russia, 311.472 à França, 491.840 à Alemanha, 290.060 à Austria Hungria, 240.913 à Italia, 221.358 à Inglaterra, 182.000 à Turquia, 65.753 à Hollanda, 43.405 à Belgica, 42.009 a Dinamarca, 35.413 à Rumania, 33.050 à Suecia e Noruega, 32.546 à Bulgaria, 26.345 à Grecia, 14.631 à Portugal e 13.213 à Servia.

Neste, algazarismos não está comprehendido o effectivo da marinha que sobe a mais de 191.000 homens, dos quaes 61.400 pertencem à Inglaterra, 20.379 à Russia, 24.728 à França, 16.403 à Alemanha e 14.372 à Italia, dividindo-se o restante pelas outras potencias europeias.

O effectivo previsto em pó de guerra attinge enormes proporções. São nas cinco grandes potencias europeias sobre 21 milhões, dos quaes mais de cinco milhões são exercito de primeira linha. Esses contingentes são assim divididos: Alemanha, 7.100.000 homens; França, 4.108.653; Italia, 2.210.000; Russia europeia, 2.600.000; e Austria Hungria 1.718.000 homens.

A Russia tem no exercito de primeira linha, 1.313.000 homens; a Alemanha, 1.000.000; a França, 600.000; a Austria Hungria, 940.000; a Italia, 610.000. A Russia possui 3.624 canhões; a Alemanha, 2.832; a França, 2.604; a Austria Hungria, 1.064; e a Italia, 1.632. Total 12.446 peças de artilheria.

A triple alliança equilibra as forças que possam reunir a Russia e a França, havendo entre ambos os contingentes uma differença pouco apreciavel dada a sua importancia, pois ao passo que a Russia e a França contam com 2.359.000 homens de exercito de primeira linha, a triple alliança da Alemanha, Austria e Italia reune 2.550.000 homens; e a 6318 peças de artilheria russas e francezas correspondem 6.128 da triple alliança, resultando uma differença a favor da Russia e da França de 49.000 homens e 190 peças de artilheria que é insignificante dada a importancia dos contingentes.

Em marinha figura em primeiro lugar a Inglaterra que tem 421 navios de guerra, sendo 68 couraçados, 4 cruzadores, 17 porta torpedos e 121 torpedeiros. A esquadra russa compõe-se de 386 navios, sendo 19 couraçados, 13 monitores, 7 cruzadores e 148 torpedeiros. A Italia tem 175 navios, sendo 18 couraçados, 6 cruzadores, 3 porta torpedos e 76 torpedeiros. A Austria tem 110 navios, sendo 11 couraçados, 1 cruzador, 2 porta torpedos e 45 torpedeiros. A esquadra allemã consta de 79 navios, sendo 13 couraçados, e 94 torpedeiros.

De qualquer forma que se apresente o problema naval na proxima guerra, é a Inglaterra a potencia

melhor preparada, pois conta mais couraçados e mais torpedeiros. Kleminda a Inglaterra, as forças maritimas da França e Russia, comparadas com as da triple alliança, ficam equilibradas, quer com relação a couraçados, quer a torpedeiros. Com tudo, convem ter presente que a Italia possui os sete maiores couraçados que existem até hoje.

Estes preparativos militares custam cada anno ás seis grandes potencias 4.055.440.616 francos, correspondendo 311.5 milhões ao exercito e 860 à marinha.

A Russia figura nestas despesas com 991 milhões de francos por anno; a França com 922 milhões; a Inglaterra com 762 milhões; a Alemanha com 537 milhões; a Italia com 415, e a Austria Hungria com 407 milhões. Ora como estas seis potencias representam quatro quintas partes da Europa, militarmente falando, pode deduzir-se que o armamento reunido da Europa custa annualmente 5.000 milhões de francos (900.000 contos de reis.)

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO

Preparado por V. ZOZ, 20, Boulevard des Capucines, PARIS

TRATAMENTO DAS QUEIMADURAS.

Não é possível, tão rápidos são os terríveis effectos do fogo socorrer a tempo uma pessoa que se queima; á excepção, talvez d'esses horrores casos, em que tendo pegado fogo no feto de repente, nos encontramos justamente n'este lugar e abafamos as chamas. Quasi sempre, então, se tira bastante resultado, lançando immediatamente sobre a pessoa que arde, um cobertor, um tapete, um paleto que se despe á pressa, para arrancal-a morte, de que está ameaçada; mas devemos-nos, em todos os casos, apressar a correr para ella, impedindo-lhe a fuga, deitá-la mesmo e rolá-la pelo chão, se não temos outros meios.

Topicos. — Os mais diversos topicos tem sido aconselhados contra as queimaduras e a maior parte, *agua fria, azeite de oliveira, polpa de batatas, doces*, etc., podem conforme os casos, ser vantajosamente utilizados; mas nunca se deve perder de vista que o contacto do ar augmenta consideravelmente os soffrimentos dos queimados e do qual, primeiro que tudo, convém livrá-los. Com este fim, evitar-se-ha pois com cuidado dilacerar as phlyctenas, que se devem simplesmente picar e collocar-se-ha sobre as regiões queimadas, de preferencia a qualquer outro topico, um linimento oleo-calcareo assim composto: *oleo de amendoas doces*, 10 grammas; *agua de cal*: 100 grammas, misturados e batidos fortemente.

Na falta d'esta mistura póde-se recobrir as queimaduras d'uma espessa camada de algodão cardado, mantido por uma ligadura de panno, ou metter-se-ha o doente durante muitas horas num grande banho morno que se reaquecerá de tempos a tempos. Se se tracta d'uma lesão profunda, empregase-ha para o penso das feridas na occasião da eliminação das escharas, pranchetas de fios de linho unidos com *glycerina thymica* ou *phenicada* a 100%.

O METHODO PASTEUR NO TRATAMENTO DA RAIVA.

Na ultima sessão do comité de hygiene de Paris, o dr. Dujardin Beaumetz leu um relatório geral acerca de 19 casos de raiva occorridos em 1888, no departamento do Sena. O dr. Dujardin notou que em 1887 de 306 pessoas d'aquelle departamento que foram submettidas ao tratamento de Pasteur, só 3 succubiram, ao passo que de 44 pessoas que não foram tratadas, morreram 7. Quer dizer: no primeiro caso houve em proporção a mortalidade de 0,97 0/0 e no segundo de 15 0/0.

Em 1888 seguiram o tratamento anti-rabico 385 habitantes do Sena; d'estes morreram 4, o que dá uma mortalidade de 1,04 0/0. Por outro lado, de 105 pessoas mordidas por cães danados que não seguiram o tratamento de Pasteur, morreram 14, ou seja 13,3 0/0. Se as cifras d'estes dois ultimos annos se reproduzissem nos annos seguintes, poder-se-ia estabelecer d'uma maneira precisa a proporção de 14 a 16 0/0 de mortalidade nos casos de raiva.

Isto quanto as pessoas não tratadas, porque com relação aos fallecimentos notados depois do tratamento pelo methodo de Pasteur a media é de 1 0/0. Por aqui se vê a conveniencia e os beneficios que resultam do tratamento pasteuriano.

« Como todos sabem, um dos primeiros symptomas da febre amarella manifesta-se em perturbações gastricas ou intestinaes.

Por esta razão é que se procura desde muito, na pratica usual, desembaraçar o tubo digestivo com vomitivos e purgativos. Este methodo que tem por si a vantagem de longa experiencia, está de accordo com as praticas actuaes da sciencia moderna.

Ninguém ignora, com effecto, que na maioria dos casos de molestias febris, das estações calmas, taes como o embaraço gastrico febril, o cholera, a febre typhoide, typhus-amarello ou febre amarella, etc., o estomago e os intestinos são sempre a sede d'onde provem a infecção.

Nos paizes quentes, sobretudo, em que a temperatura elevada acarreta forçosamente o uso desmedido das bebidas e em que as digestões tornam-se mais difficeis produz-se a dilatação exagerada do estomago.

Esta mesma dilatação, impedindo o esvaziamento completo do estomago, dá lugar a formação de alimentos liquidos e solidos mal fermentados e que permanecem na grande curvatura, d'ahi, o foco que ameaça constantemente infectar todo o organismo.

Os excellentes resultados obtidos com a lavagem do estomago, ora nas febres gastricas simples e até nas dyspepsias, suggeriram o emprego d'este meio nos casos de febre amarella.

Hoje que reuno um numero bastante consideravel de doentes tratados por este methodo, e constando sempre magnificos resultados, não receio propo-lo como o verdadeiro tratamento curativo e delle dar conhecimento aos meus collegas, diz um medico americano.

Nos diversos periodos de todos estes casos em que empreguei a lavagem foi elle sempre perfeitamente supportada e sem o minimo inconveniente pelo doente.

De effecto prompto e decisivo, observa-se a priori que a temperatura cede immediatamente após o esvaziamento completo do estomago e sem que seja necessaria a intervenção de febrífugos.

Devo acrescentar que, para fazer o esvaziamento do estomago pelo tubo, emprego sempre como desinfectante, uma solução de acido borico.

Finalmente, tão bons resultados estão perfeitamente de accordo com as theorias modernas da therapeutica microbiana.

Compreende-se, portanto, que a lavagem como tubo desembarace o estomago completamente ao envez do esforço produzido pelo vomitivo, insufficiente para este fim, maxime tratando-se de estomagos na maioria dilatados, como são os dos paizes quentes.

A lavagem muito completa e antiseptica como a que se póde fazer por este methodo, destroe completamente todos os fermentos do mau caracter e tão decisivo resultado não tem competidor na antiga therapeutica.

São estas as considerações que me parecem dignas de ser submettidas aos meus collegas, convidando-os a fazerem a lavagem do estomago nas molestias que tem por origem a infecção deste orgão, observando todavia os casos de possibilidade.

Convém por ultimo notar que neste methodo encerram-se tres condições essenciaes:

- 1ª execução relativamente facil;
- 2ª perfeitamente inoffensivo para o doente;
- 3ª ao responder ás indicações da sciencia a mais moderna, isto é, a antisepticidade empregada contra a auto infecção.

OS CAMINHOS DE FERRO

São de um trabalho interessante os seguintes dados estatísticos:

Em 1834 construiu-se o primeiro caminho de ferro entre Liverpool e Manchester.

Em 1883 havia já em todo o mundo 457.740 kilometros de vias ferreas, dos quaes 197.037 na Europa, 250.663 na America, 221.778 na Asia, 61.893 na Africa e 12.247 na Australia.

Descrevendo por paizes, vemos que os que na Europa occupam o primeiro lugar, são: Alemanha, 37.535 kilometros; França, 32.491; Inglaterra, 22.611; Hespanha, 21.885.

Mas a esse tempo, só os Estados Unidos tinham de per si mais 12.000 kilometros de linhas ferreas do que todas as nações europeas reunidas, isto é, 107.508 kilometros.

ASTHMA E CATARRO
Curadores de 1900 a 1950. Em França
COM OS **CILARROS ESPEC** 21.1.1948
Opresores, Fobias, Condições Nervais
Em todas as Farmácias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Vende ao grosso.

